



# “Gostava de fazer mais uma etapa da The Ocean Race”

## Entrevista David Andrade

**João Cabeçadas** Aos 58 anos, o mais internacional velejador português sagrou-se há uma semana campeão do mundo

No palmarés, tem duas vitórias na America's Cup, três participações na Whitbread Round the World Race e mais de duas dezenas de travessias oceânicas mas, aos 58 anos, João Cabeçadas não pára de acrescentar medalhas ao currículo: o mais internacional velejador português foi uma peça fulcral na vitória da Alinghi em Lagos, no Mundial de GC32. Apesar do peso que tem dentro da estrutura dos suíços, Cabeçadas continua, no entanto, com o “bichinho” da competição e não esconde o desejo de voltar a disputar uma regata da futura The Ocean Race.

**A Alinghi sagrou-se campeã com 17 pontos de vantagem. Foi mais fácil do que esperavam?**

Foi mais difícil do que parece. Acabámos o primeiro dia empatados, no seguinte as coisas baralharam-se, mas acabámos com três pontos de diferença. O terceiro dia teve menos vento, mas correu-nos muito bem e conseguimos 13 pontos de avanço.

**A organização foi elogiada...**

Há dois aspectos que ajudam à opinião com que as equipas saíram de Lagos. Uma são as condições geográficas e meteorológicas. O mar é abrigado a noroeste e estes barcos gostam disso, e a data foi bem escolhida. Viemos de Villasimius [na Sardenha], onde esteve péssimo. Choveu cinco dias seguidos e não havia vento. Em Lagos, houve um esforço de entidades como o Clube de Vela, da Marina e da Sopromar, que deram o máximo para que tudo corresse bem. Foi genuíno, sentido e com paixão.

**Qual o seu papel na Alinghi?**

Estou há 20 anos na equipa. Fui tripulante suplente na America's Cup, em 2003. Nestes barcos também navego, mas não faço regatas. Eu e o David [Niklès] temos a responsabilidade de preparar o barco que, quando vai



João Cabeçadas, elemento da equipa Alinghi

“**Na primeira Whitbread, vendemos a pele para a fazer, mas já a fiz três vezes. Gostava de voltar, eventualmente para fazer etapas**

para a água, tem de estar capaz de ganhar regatas.

**Gosta de estar na retaguarda ou ainda há o “bichinho” da água?**

Os GC32 têm cinco tripulantes e posso fazer qualquer posição. Mas são jovens e é natural que façam os lugares melhor do que eu. O “bichinho” continua. Sempre que há vento e tenho tempo, vou para a água... como lazer. Competição tenho feito em barcos grandes, mas o calendário da Alinghi enche-nos tanto, que é difícil conciliar com a família e competição.

**Durante muitos anos foi o único português a competir na VOR. Sendo Portugal um país de mar, qual a justificação? Dinheiro?**

Consegui, mas lá fora. Não havia equipas portuguesas... O projecto da Mirpuri para a The

**Ocean Race aponta à vitória. É realista imaginar um barco português a ganhar?**

O dinheiro terá um papel importante para juntar pessoas com qualidade e experiência. Normalmente, esses são os mais caros e um projecto começa por um líder que consiga gerir os recursos humanos correctos. Daí para a frente, os barcos são iguais... Participou pela primeira vez na Whitbread [em 2001 passou a chamar-se VOR] em 1989, mas em 1993 fez parte da tripulação do La Poste, ao lado de Éric Tabarly. Como foi fazer a regata com alguém tão carismático?

As regatas oceânicas sempre foram as que mais me atraíram. Quando tinha 12 anos, houve a primeira Whitbread. Havia um Éric Tabarly, havia um cabo Horn e havia uma regata à volta do mundo. Era uma fantasia com que sonhava. Nessa regata, passei o cabo Horn com o Éric. Como velejador, como líder, como pessoa, era especial...

**Nessa Whitbread teve que fazer o resgate de outra embarcação no Índico...**

Não sou pessoa de escrever diários, mas nessa altura decidi escrever. O meu pai seguia aquilo com todo o coração e seria uma forma de lhe contar como vivi a regata. Este ano, reli o que escrevi... Quando foi lançado o pedido de socorro, éramos os mais próximos. Não fazíamos ideia do que tinha acontecido e estava muito mau.

Quando estás no oceano, o oceano quer matar-te. Durante as horas que demorámos a chegar ao local onde estavam pessoas que conhecíamos, tinha um nó na garganta sem saber o que ia encontrar.

**Na última edição da VOR morreu John Fisher. Reviveu o episódio de 1993?**

Sigo as regatas da Whitbread como se estivesse lá. Em todas as etapas falava com o António, com o Fred, com o Bernardo e com velejadores de outras equipas também.

**Nunca teve vontade de voltar?**

Em 2011, a MAPFRE convidou-me, mas estava com a Alinghi. Tenho família. A segurança de saber que ao dia 24 tenho o meu salário e de saber quanto é... Na primeira Whitbread vendemos a pele para a fazer, mas já a fiz três vezes. Gostava de voltar, eventualmente para fazer etapas. Houve uma hesitação quando o Iker [Martínez] me chamou em 2011...

**É um capítulo encerrado?**

Continua a ser a regata que sigo com o empenho todo...

**Mudando de barcos, Ernesto Bertarelli [dono da Alinghi] disse que ficava de fora da America's Cup em 2021 porque a competição se transformou num jogo de engenheiros. Concorda?**

Estiveram em Lagos o Glenn [Ashby], skipper do defensor [Team New Zealand] e o Ben [Ainslie], um dos challengers [INEOS Team UK]. Se falares com eles, dizem-te que estão aos papéis. O monstro que criaram vai ser fantástico, mas não sabem como vão colocar o barco a planar sem virar.

**Gostava de voltar à America's Cup?**

Tive convites, mas a Alinghi é onde as pessoas querem estar...

**E é onde quer ficar?**

O barco [TF 35] que vem aí é muito interessante. Tem foils em “T”, vai andar à bolina e tem 35 pés. Será usado em regatas como o GC32, mas é mais rápido e foila com menos vento e à bolina.

**A Alinghi deixa espaço para outras ambições?**

Gostava de fazer mais uma etapa da Whitbread. Só que a Alinghi enche o ano inteiro...